

# construção do futuro



Informativo da Comissão Senado do Futuro

nº 20, 14 de maio de 2018



Foto: Roque de Sá/Agência Senado

No dia 23 de abril a Comissão Senado do Futuro, presidida pelo **Senador Hélio José** (Pros-DF), em parceria com a Universidade de Brasília e a União Planetária, realizou Audiência Pública para debater as fronteiras da educação. Participaram, na qualidade de expositores, o Prof. Dr. **José Pacheco**, da Comunidade de Aprendizagem do Paranoá; o Prof. Dr. **Fredric Michael Litto**, presidente da Associação Brasileira de Educação a Distância – ABED; a Profa. **Márcia Hora Acioli**, Assessora do Instituto de Estudos Socioeconômicos – INESC; e o Prof. **Heitor Gurgulino de Souza**, Presidente da Academia Mundial de Artes e Ciências.

O Prof. Dr. **José Pacheco** participou de uma das experiências mais instigantes da educação, que se iniciou em uma escola pública na cidade do Porto, em Portugal, em 1976. A Escola da Ponte passou a ser uma referência mundial e o seu êxito inspirou algumas escolas brasileiras e está a inspirar um projeto também desafiador do qual o Professor Pacheco participa agora aqui em Brasília, na cidade do Paranoá. Foi membro do Conselho Nacional de Educação, de Portugal e agora reside no Brasil.

O Prof. Dr. **Fredric Michael Litto** é Professor Emérito da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, foi um dos fundadores da Escola do Futuro da Universidade de São Paulo e é um dos pioneiros da etapa recente da educação a distância

no Brasil. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Comunicação Mediada por Computadores, atuando principalmente nos seguintes temas: educação a distância, aprendizagem, telemática, repositórios digitais e novas formas de trabalhar.

A Profa. **Márcia Acioli** foi professora de arte-educação em escolas públicas aqui no Distrito Federal. É especialista em Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes, pelo Instituto de Psicologia da USP e mestre em Antropologia aplicada à educação, pela Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília (UnB). Há alguns anos atua em premiado programa de educação junto a adolescentes que estão internados em estabelecimentos socioeducativos no Distrito Federal desenvolvido no Inesc.

O Prof. **Heitor Gurgulino de Souza** foi reitor da Universidade das Nações Unidas, onde ocupou também o cargo de subsecretário geral das Nações Unidas tendo participado de diversas conferências da ONU. Seu extenso currículo vai desde a época em que foi diretor do Departamento de Educação da OEA, passando pelo cargo de Diretor do CNPq, membro do Conselho Federal de Educação (atual Conselho Nacional de Educação), membro de diversas sociedades científicas no Brasil e nos Estados Unidos da América e também foi conselheiro da UNESCO, em Paris.



Foto: Roque de Sá/Agência Senado

O senador Hélio José, em sua apresentação, lembrou que esse debate é fruto da parceria que além da Comissão Senado do Futuro, da Universidade de Brasília e da União Planetária “reúne outras entidades científicas, acadêmicas e da sociedade civil, como a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Movimento Todos pela Educação, Seccional da Ordem dos Advogados do Brasil em Brasília (OAB-DF), Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), Universidade Católica de Brasília, Centro Universitário de Brasília – Uniceub, Centro Universitário UDF, Universidade Internacional da Paz (Unipaz), Instituto de Educação Superior de Brasília – IESB, Instituto Federal de Brasília e Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais – ABRUEM. Estão apoiando essa iniciativa a TV Supren, a UnBTV, a TVSenado e a Rádio Senado, para que essas reflexões cheguem a todo o país e possam animar outros grupos de estudos e de cidadania”.

Sobre o tema, o senador Hélio José se posicionou dizendo que “este início do século XXI está nos trazendo desafios de toda sorte. Será um século onde se definirá, para alguns, a sobrevivência ou não da espécie humana, mas já se sabe que, por causa das mudanças climáticas, dezenas de outras espécies perecerão.

A diferença é que muitos dos indicadores que nortearão a sobrevivência ou não de nossa espécie são definidos por nós mesmos. A extrema desigualdade é um deles.

No campo da educação essas últimas décadas

foram de grandes transformações especialmente no campo tecnológico e muitas outras são esperadas para os próximos anos, não somente no campo das comunicações, mas também com o uso intensivo de inteligência artificial. Oportunidades várias e perigos maiores ainda.

Da mesma forma em que houve uma grande transformação tecnológica, verificamos também nas últimas duas décadas um movimento mundial de organização da educação por grandes conglomerados financeiros e econômicos. Que compram escolas, as reformam com a aparatos tecnológicos e pasteurizam currículos pelo mundo todo.

As escolas públicas, por sua vez, enfrentam dilemas que se iniciam nas crises fiscais de seus países, problemas que se multiplicam por uma onda conservadora e neoliberal em grandes áreas do globo, e se manifestam na concretude de uma indefinição geral da sociedade sobre o que espera da educação das novas gerações.

Há quem defenda a ideia de que a educação deve ser a instrução para o trabalho, outros desejam que ela seja o instrumento libertador de mentes criativas, enquanto outros desejam que seja a responsável pela preparação das pessoas que poderão resolver todos os problemas que estamos deixando no planeta.

Mas nenhum país tem um projeto social e político que traga uma luz clara para o debate sobre o que é a educação para o século XXI. Experiências como a do Professor Pacheco são brisas de ar fresco nesse processo. Outras como a da Professora Márcia, nos trazem esperança na possibilidade de tratar os adolescentes em privação de liberdade como seres humanos e criativos. O sentido universal e a experiência internacional do Professor Gurgulino nos mostram caminhos que podem convergir. E a criatividade e audácia do Professor Litto nos apontam boas perspectivas para o futuro.

Onde estará o caminho? Para onde olhar e seguir? Este é o debate da educação do século XXI e as dúvidas que o Brasil em seu Bicentenário da Independência trazem.

Queremos ouvir e pensar com o que nos trazem os debatedores de hoje.”

O vídeo completo e as apresentações podem ser acessados em:

<https://bit.ly/2Jsrzxb>

O primeiro dos convidados a falar foi o Prof. José Pacheco, que ficou muito conhecido internacionalmente por conta do processo iniciado e dos resultados obtidos na Escola Básica Integrada de Aves/São Tomé de Negrelos, localizada em distrito da cidade do Porto, em Portugal e popularmente referida apenas como Escola da Ponte (assista o que diz o educador, psicanalista e filósofo Rubem Alves sobre essa experiência em <https://bit.ly/2I6zv70>; a TV Paulo Freire fez outro vídeo, agora com o José Pacheco, que também auxilia muito no entendimento dessa experiência, e pode ser assistido em <https://bit.ly/2e0Ob0N>).

Em meados da década de 1970, nessa escola se iniciou um projeto revolucionário, apesar de que muitos educadores acreditam que isso ocorreu com um atraso de, no mínimo um século. O destaque internacional que ganhou a Escola da Ponte e seus realizadores deve-se ao fato de ser uma das primeiras experimentações de superação ou transição do modelo tradicional de educação a tentativa de início de uma escola fundada no paradigma da aprendizagem.

Segundo o Professor Pacheco, “a educação que hoje nós temos no Brasil, apesar dos excelentes profissionais que temos nas escolas, e dos bons gestores, ele se caracteriza por estar fundada no chamado paradigma da instrução, que teve origem nos séculos XVII e XIX, com referência a uma proposta filosófica do século XVII. Então a escola que temos aí, tem alunos do século XXI, com professores do século XX que trabalham como no século XIX”.

Além das distâncias temporais, entre hoje e os momentos de desenvolvimento da escola tradicional, destacou José Pacheco que há um lapso grande entre as tecnologias e as situações históricas entre uma época e outra. Apesar disso, a escola continua igual. Crítica que encontramos também no educador cearense Lauro de Oliveira Lima (1921-2013), um dos mais destacados seguidores de Jean Piaget (1896-1980) no Brasil, especialmente em uma coletânea de artigos publicada em 1996 pela Editora Vozes com o título “Para que servem as escolas?”.

Segundo ele, no século XX, “a partir de algumas propostas de pessoas como Adolphe Ferrière (1879-1960), Roger Cousinet (1881-1973),



Foto: Roque de Sá/Agência Senado

Maria Montessori (1870-1952), começou-se a ser esboçado um novo paradigma (da aprendizagem). O paradigma da aprendizagem propunha deslocar-se o centro do processo de educação do professor para o aluno”. Segundo ele, foi “uma ideia peregrina que não pegou muito bem”, pois as escolas que temos por aí, Montessorianas, Waldorf, Construtivistas, “na prática o que acontece nessas escolas é o paradigma da instrução mesclado com o paradigma da aprendizagem. Não é o paradigma da aprendizagem”.

Voltando ao contexto tecnológico, ele mostra que no século XX tivemos duas grande revoluções industriais, uma que começa com o computador e outra que começa com a emergência da internet, com as redes, o novo salto da educação a distância, “e hoje estamos na gênese da quarta revolução industrial”. Em breve, lembrou ele, teremos uma grande expansão da robótica, até com a produção industrial no espaço, em gravidade zero, a expansão da inteligência artificial, a internet das coisas e a impressora 3D, que nos possibilitará fabricar em casa desde a comida até os móveis. E mesmo assim, anda temos como escola aquela do século XIX fundada no paradigma da instrução “misturado um pouco, em alguns casos, com o paradigma da aprendizagem”.

Mas o tempo não parou e pode-se verificar hoje em dia alguns projetos que caminham na direção da superação da escola tradicional. Por isso, ele

afirma que teve a sorte de participar, há 42 anos, da primeira transição do paradigma da instrução para o paradigma da aprendizagem, que “foi produto de muita intuição pedagógica e amor pela criança; muito pouca teoria por trás, “até porque naquela época ninguém conhecia o Piaget e o Vigotsky (Lev Vigotsky, 1896 - 1934); depois tive a sorte de vir parar no Brasil e participar de um projeto que fez passar do paradigma da aprendizagem quase para o paradigma da comunicação”, no Projeto Âncora, em Cotia (SP) (assista em <https://bit.ly/2woFa74>).

Ao falar do futuro, lembra José Pacheco que “escolas não são edifícios, escolas são pessoas. E as pessoas são seus valores, elas agem em função de valores. Quando esses valores se transformam em princípios da ação, dão origem a projetos. Projetos que são sempre coletivos. Quando esses projetos surgem, devemos partir daquilo que as pessoas são, para alcançar não uma preparação para, mas uma preparação com. Não se prepara para a cidadania, educação na cidadania, no exercício da liberdade responsável.” Por isso, “uma escola do século XXI, transformada em uma escola da comunidade, funcionará 365 dias no ano, e atender desde o pré-natal até a morte, onde o professor não prepara para, mas constrói com”.

No paradigma da comunicação, “a primeira contribuição vem de um brasileiro chamado **Lauro de Oliveira Lima**, que em 1979 publica um livro chamado **Escola de Comunidade**, e nesse livro ele escreve: *a expressão escola de comunidade procura significar o desenquistamento isolacionista da*



Lauro de Oliveira Lima

*escola tradicional. Escola, no futuro, será um centro comunitário. Propulsor de equilíbrios sincrônicos e diacrônicos do grupo social a que serve. Não só a escola utilizará como instrumento escolar o equipamento coletivo, como a comunidade utilizará a escola como centro comunitário. A escola não se reduzirá a um lugar fixo murado.”*



Segundo José Pacheco, outro personagem que contribuiu para a formação do paradigma da comunicação foi **Augustinho da Silva** (filósofo, ensaísta e poeta português, que viveu de 1906 a 1994). Ele foi professor na Universidade de Brasília, em sua fundação, e criou várias comunidades de aprendizagem no país. O terceiro personagem desse processo, entre muitas referências que, como disse Pacheco, encontram-se Nise da Silveira (psiquiatra que viveu de 1905 a 1999 e revolucionou o tratamento psiquiátrico no Brasil, substituindo o choque e a dor pela arte), Florestan Fernandes (1920-1995), Milton Santos (1926-2001), Anísio Teixeira (1900-1971), Darcy

*A escola não é a continuação do lar como a família não é a continuação da vida uterina. Na escola o jovem começa a “pertencer” à comunidade, superando o confinamento clânico. O progresso e a mudança só são possíveis porque as gerações montantes reexaminam, criticamente, todo o patrimônio cultural de sua comunidade. A juventude é o futuro inserido no presente.*

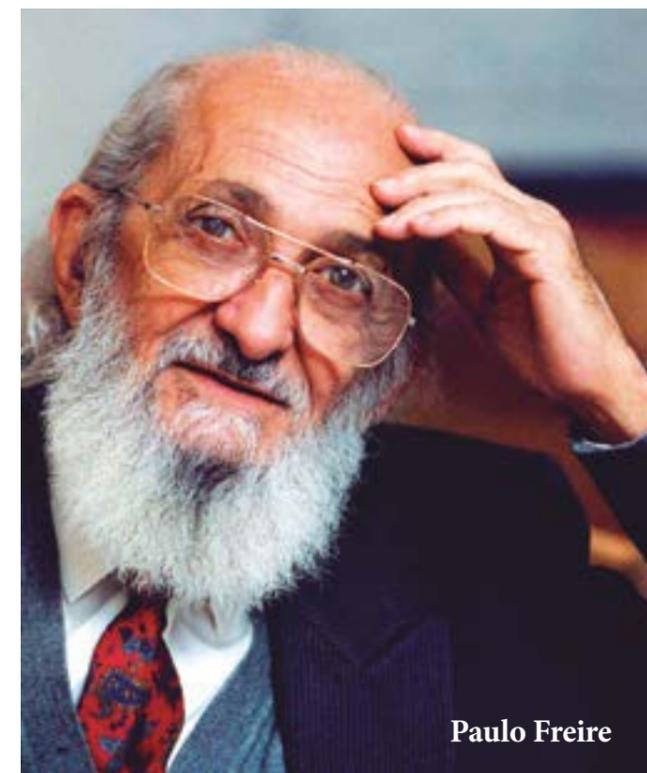
Lauro de Oliveira Lima



Ribeiro (1922-1997) e tantos outros “mas vou continuar com aquele que continua exilado ou continua sequestrado em teses de doutoramento por que nunca o vi no chão da escola no Brasil, **Paulo Freire**. Ele diz que aprendemos uns com os outros mediatizados pelo mundo, ou seja a aprendizagem do futuro, que tem que ser a de hoje, é aquela que resulta da criação de vínculo, é aquela que resulta de projetos com aprendizagem significativa, e é sobretudo aquela que resulta da intersubjetividade, mediatizada pelo objeto de estudo e do mundo (comunidade)”.

O Professor José Pacheco está participando em Brasília, junto com o Professor Isaac Roitman e outros, de uma experiência inovadora, que reúne professores da rede oficial de ensino (Secretaria de Educação do Distrito Federal), professores da Universidade de Brasília e voluntários. Estão construindo a comunidade de aprendizagem do Paranoá. Segundo ele, essa comunidade surge como “uma nova construção social”, uma proposta que não se limita a introduzir computadores na escola, mas tem por objetivo contribuir para a humanização da escola. Para entender melhor o tema, pode-se ter acesso gratuitamente o livro de José Pacheco **Aprender em Comunidade**, escrito na forma de 25 cartas a personalidades que marcaram o Brasil e a educação, disponível em <https://bit.ly/2fdKsXp>

Lembra José Pacheco que a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e o Plano Nacional de Educação definem a educação como um direito de **todos**, porém o índice de proficiência em língua portuguesa e em matemática é inferior a 10%, e o índice de desenvolvimento da educação básica não passa de 5, em uma escala de 1 a 10. Isso faz parte de um contexto onde temos professores doente, maltratados, e que também



Paulo Freire

efeitos sociais como a corrupção e violência.

José Pacheco defende a posição de que uma escola que dá aula, cumpre os horários e faz tudo segundo o paradigma da instrução e não consegue garantir a educação de todos, ele pergunta: “essa escola terá o direito a continuar a trabalhar desse modo?”, “onde está a ética?”. Segundo ele, temos que assumir um compromisso ético com a educação, dando condições para fazer o que é necessário, “sem fazer de criança cobaia, com muito respeito pela infância e juventude” e fazer essa transição entre o século XIX e o século XXI. E por isso, lembra Clarisse Lispector, que disse que “o importante não é a velocidade, o importante é a direção”.



Foto: Roque de Sá/Agência Senado

O Prof. Dr. **Fredric Michael Litto**, presidente da Associação Brasileira de Educação a Distância, há 45 anos residente no Brasil, iniciou sua apresentação a partir da constatação de que a educação brasileira, em todos os níveis, tem problemas sérios que são demonstrados não somente nas estatísticas educacionais mas pelos resultados econômicos e pela estagnação da produtividade industrial.

Ele de à sua apresentação do título: **reconhecendo que um efeito entrópico está tornando a aprendizagem no Brasil cada vez mais obsoleta, necessitando de ser reinventada**. Para ele, a nova revolução industrial (inteligência artificial, robótica, internet das coisas, nanotecnologia, computação quântica, BigData/Analítica, biotecnologia) demanda uma “quarta revolução educacional” incorpore essas mudanças de tal forma que as pessoas possam migrar de um setor a outro sem a necessidade de voltarem à escola.

Segundo ele, os indivíduos têm que evitar ser pegos numa “armadilha” de um campo de aprendizagem excessivamente estreito (aprender ou dominar somente uma área de conhecimento ou técnica), mas, ao contrário, os futuros trabalhadores devem se preparar para um sistema de aprendizagem que leve à aquisição constante de conhecimento e competências novos. O mundo hoje exige uma aprendizagem durante a vida toda.

Ele acredita que no campo da educação, assim como na economia, modelos tradicionais e alternativos podem coexistir para atender públicos diferenciados. Contudo, afirma que “inovações levam tempo para serem absorvidas; hoje, temos instituições de ensino para atender todos os gostos: públicas e privadas, presenciais e virtuais, hi-tech e low-tech. Mas elas evidenciam uma profunda “nostalgia” para o modelo de ensino/aprendizagem do

passado, têm currículos anacrônicos e atitudes condescendentes para com estudantes.” Esse quadro leva a uma situação de perigo, que ele identifica na **obsolescência**. “Que não ocorre apenas na tecnologia, mas também em economia e finanças, e na pedagogia e na didática. Por isso, é necessário vencer a inércia da oposição, que quer manter as velhas ideias e práticas. Por exemplo a máquina de datilografia é de 1987 mas somente foi adotada nos Cartórios brasileiros na década de 1930, porque

os donos de Cartório acreditavam que se tinha que escrever à mão senão o registro não seria autêntico.”

No caso brasileiro, um problema grave ou consequência desse quadro geral “tem sido uma fuga de jovens brasileiros com boas cabeças e estudos buscando “pastos mais verdes”. Mais emigrantes brasileiros com formação superior se mudaram para os EUA—subiu de 83% para 93% nos últimos 4 anos”.]

Segundo o Prof. Litto, ganha terreno a ideia de “desaprendizagem” (Unlearning), que identifica “a necessidade de reconhecer que você guarda e pratica certas ideias ultrapassadas e de que precisa ter a capacidade de identificar o que tem que ser desaprendido para criar espaço para mudança, mudando “mindsets” (formas de pensar), hábitos (práticas) e organizações (sistemas)”. Entre essas práticas e ideias ultrapassadas identifica: “o aluno como receptor passivo; todos os alunos avaliados uniformemente; o professor posicionado na frente da sala de aula; o professor como dono da verdade e principal fonte de conhecimento; isonomia em tudo, especialmente salários de professores, igualando os improdutivos aos produtivos”.

Defende que um novo padrão deve ser construído e se tornar dominante, contendo as seguintes características: “abolir o cartorialismo (necessidade de diplomas), em seu lugar, a demonstração de capacidade é suficiente: meritocracia; equipes de trabalho em todos os setores têm que incluir não apenas jovens, mas também sênior, com mais idade e experiência, e alguns de meia-idade (como anteparo entre as faixas de idade), e mais, compreender que não existirão mais “empregos” no futuro, apenas “trabalhos *ad hoc*”, pequenos

grupos sempre se reformulando, reagrupando, e exigindo confiança mútua e esforços igualmente distribuídos dos seus componentes”. No campo da educação, os valores que devem se tornar dominantes devem ser: “estratégias pedagógicas não novas mas não usadas geralmente ou com eficácia: juntar a aprendizagem abstrata com a aplicada e integrar o pensar com o fazer, o ativo ao experiencial, aproximando o científico/tecnológico/vocacional com as humanidades e ciências sociais”. Segundo ele, “as nossas universidades preparam engenheiros e médicos sem nenhum contato com as humanidades, isso não produz um profissional e um cidadão do futuro mais capaz. A mente analítica não é a única parte necessária ao futuro”.

Segundo ele, no Brasil do presente os estudantes que podem pagar vão para universidades públicas e os que não podem vão para universidades privadas, e acredita que isso tem que mudar, no futuro acredita que as universidades não terão mais o monopólio da certificação dos profissionais, esta capacidade “será dividida entre ONGs, sindicatos, associações profissionais, entre outros”.

Uma tendência que apontou é o “abandono do padrão de programas de bacharelado de 4 ou 5 anos, experimentando modelos mais flexíveis para os alunos, já que boa parte do material apresentado não é relevante para o aluno individual, além disso está havendo a busca pela “cauda longa”, ou nichos curriculares sem muita competição: oferecer muitos cursos não comuns para alunos interessados (cursos específicos de grande interesse pelo mercado), em vez de poucos cursos para uma grande multidão (é a estratégia de Amazon.com, Apple, Netflix)”. Ele aponta que vamos ver a aprendizagem

independente, autogerida, com o espírito de “homeschooling”, educação em casa, em todos os níveis educacionais, nada de salas de aula, de bibliotecas, de campus, mas isso se realiza quando o aluno tem maturidade: aprender por conta própria, às vezes sem a supervisão de alguém com mais experiência no ramo”.

Outra tendência é de que “estamos entrando em um cenário de educação “sob demanda”, substituindo ou complementando uma educação universitária formal”. Hoje, “indivíduos formados frequentemente trabalham em profissões e ocupações sem relação com seus estudos universitários, em 2014 50% dos formados estavam nessa condição”. No caso da docência, a tendência que se observa é a “docência on-line independente, professores sem ligação com uma instituição, oferecendo cursos online de maior ou menor duração e eles mesmos certificando”. Outro elemento importante é que “os anos têm demonstrado que MBA, mestrado e doutorado são cursos genéricos e demorados demais, incluindo a mistura de assuntos importantes e não-importantes. No futuro, mais procurados serão cursos de curta duração (3 a 6 meses), via EAD, que focalizam apenas um ou outro dos elementos de um curso de mestrado; o certificado é específico, são cursos compactos, flexíveis e focalizados no tipo de trabalho do aprendiz”. Assim como, “a experiência tem comprovado que o ensino altamente concentrado em competências é perigoso porque é incompleto, porque marginaliza a questão da compreensão - um currículo que é “um quilômetro de largura e dez centímetros de profundidade”[Carl Bereiter]”.

No futuro, para o Prof. Litto, deveremos enfrentar o excesso de regulamentação que existe na educação brasileira, que sufoca a criatividade e impede mudanças.



## 2 em 3 alunos de universidades federais são das classes D e E

Número aumentou em 4 anos, enquanto caiu a fatia dos estudantes com renda acima de dez salários

Lígia Formenti, Isabela Palhares e Victor Vieira, O Estado de S. Paulo, 18 agosto 2016

O total de estudantes das classes D e E em universidades federais brasileiras aumentou entre 2010 e 2014, segundo pesquisa feita pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes). O trabalho indica que dois terços dos alunos (66,19%) vêm de famílias cuja renda não ultrapassa 1,5 salário mínimo per capita (R\$ 1.320). Em 2010, eram 44%.

Quando se analisa os dados brutos de renda, a tendência se repete. O percentual de estudantes nas universidades federais brasileiras com renda familiar bruta de até três salários mínimos (R\$ 2.640) saltou de 40,66% para 51,43%. Já a participação de estudantes de famílias cuja renda bruta está entre nove e dez salários mínimos (R\$ 7.920 a R\$ 8.800) caiu no mesmo período de 6,57% para 2,96%. Os alunos de famílias com renda bruta acima de dez salários mínimos também estão agora em menor percentual. Em 2010, eles representavam 16,72% dos estudantes nas federais. Agora, são 10,6%.

Além da maior presença de estudantes de classes econômicas menos privilegiadas, o estudo identificou um aumento da participação de alunos autodeclarados pretos e pardos. Eles representam 47,57% dos entrevistados. Em 1997, 2,2% dos pardos e 1,8% dos negros entre 18 e 24 anos cursavam ou já haviam concluído um curso de graduação no País.



Foto: Roque de Sá/Agência Senado

**Márcia Hora Acioli**, coordenadora do projeto Criança e Adolescente prioridade no parlamento, do Instituto de Estudos Socioeconômicos - INESC, fez sua apresentação a partir de sua experiência atual junto a adolescentes que estão em regime de privação de liberdade no sistema socioeducativo. Desde logo considerou “importante sua participação no debate para trazer visibilidade para um público que é absolutamente invisível ou que é visibilizado por meio de uma mídia irresponsável”. A realidade da qual ela partiu em sua análise foi descrita no relatório “*Um Rosto Familiar: A violência nas vidas de crianças e adolescentes*” do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) divulgado em 2017, que mostra que o Brasil subiu para o quinto lugar no ranking mundial de homicídio de adolescentes.

#### Exército no Rio de Janeiro 2017



Dados mais recentes apontam o Brasil como país que mais mata adolescentes no mundo em um quadro de impunidade: apenas 3% desses crimes são apurados.

Os jovens infratores acabam submetidos a um Sistema de Medida Socioeducativa embrutecido, punitivo, de contenção das vozes e dos corpos. Não que difere da sociedade que lhe serve de base, uma sociedade racista, machista, homofóbica, intolerante, violenta, desigual, que não protege, mas criminaliza a infância e adolescência, incentivada por uma mídia irresponsável.

A fotografia abaixo, que reproduz a forma em que crianças (das periferias) são tratadas no Rio de Janeiro pelo Exército Brasileiro a caminho da escola, substitui exaustiva argumentação sobre o assunto e, na medida em que é recebida com naturalidade pela sociedade, diz muito também

dessa mesma sociedade, que não percebe, ou faz parecer que não percebe a exclusão social e o racismo existente no país.

Para Márcia Acioli “é muito difícil falar em futuro em um cenário de perda de direitos e de retrocessos, até por que educação não se dá nas instituições, educação se dá na vida, não é um diálogo com a vida, educação se mistura com a vida”. “Quando se pensa em adolescente em privação de liberdade cumprindo uma medida socioeducativa a palavra que vem a muitas pessoas é a **recuperação**, mas deve-se compreender que o ato infracional não ocorre por geração espontânea, nenhum adolescente faz uma escolha autônoma para o crime. Quando o adolescente faz uma escolha autônoma, o faz entre o ballet e a capoeira, como minha filha fez. Adolescentes que estão vivendo privações muito sérias, muito graves, têm alternativas entre o ruim e o pior. Por isso é necessário contextualizar a situação de vida do adolescente”.

O Estatuto da Criança e do Adolescente em seu art. 4º, reza que “É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e

comunitária.” O garoto ou a garota que vive em uma situação de pleno direito e com seus direitos respeitados e garantidos, como orienta a Lei, muito dificilmente vai se envolver em um ato infracional. “Por que até os raros, raríssimos, filhos de classe média que estão nas unidades de internação eles certamente não conviveram com a família, não viveram respeito, não viveram a dignidade”.

A lei nº 12.594/2012, que instituiu o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase) e regulamentou a execução das medidas destinadas a adolescente que pratique ato infracional, determina, em seu Art. 8º, que: “Os Planos de Atendimento Socioeducativo deverão, obrigatoriamente, prever ações articuladas nas áreas de educação, saúde, assistência social, cultura, capacitação para o trabalho e esporte, para os adolescentes atendidos, em conformidade com os princípios elencados no Estatuto da Criança e do Adolescente”. O primeiro questionamento que a educadora Márcia Acioli faz é se o governo, as instituições e o sistema socioeducativo promovem essas ações previstas na lei. Não! O sistema existente tem por característica a punição, o embrutecimento, não a educação.

A totalidade dos adolescentes que estão sob medida socioeducativa, antes estavam matriculados em uma escola e recebiam uma educação **excludente**, durante a internação, a escolarização ofertada é **insuficiente**, e depois que cumprem a medida socioeducativa, embora a legislação determine que não se pode divulgar o histórico do adolescente que cumpriu uma medida, as escolas ficam sabendo e a educação que recebem é **estigmatizante**.

O **Projeto Onda** (leia a Revista Descolad@s em <https://bit.ly/2kBh0uK>), do Inesc, orientado a trabalhar com os/as adolescentes que cumprem medidas socioeducativas com restrição de liberdade, se funda em princípios orientadores:

**Educação popular:** direitos humanos e cidadania; política – compreensão sobre os direitos e diálogos com o poder público; educação dialógica. Mudar realidades.

**Educomunicação:** ler o mundo, falar do mundo a partir de seus lugares (boletins, rádio, TV...).

**Arte-educação:** cultura e criatividade; afetividade e sensibilidade.

Atualmente, no sistema socioeducativo, quando se pronuncia a palavra direitos, os agentes das unidades socioeducativas, que se comportam como agentes de segurança (prisional), logo se apresentam para constranger os educadores, o que demonstra o claro distanciamento entre a lei a a prática nesses

estabelecimentos. Uma clara barreira para a expressão da educação como instrumento de transformação dos adolescentes.

Lembra Márcia Acioli que no histórico das meninas e meninos que cumprem medida socioeducativa temos a vivência de violência contra elas próprias. Por isso, conseguir promover experiências de afetividade e sensibilidade é extremamente humanizador.

O programa do Inesc busca fazer uma interação dos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas com adolescentes da comunidade, com a devida autorização do Judiciário, procurando fazer com que esse processo ocorra sem estigma, onde se reflete sobre a educação, a escola e os direitos, além de atividades artísticas (música, fotografia, dança etc.) desenvolvidas pelos adolescentes em privação de liberdade. A partir do conhecimento de seus direitos, o projeto promove diálogos dos adolescentes com o poder público e com a sociedade civil e participações em espaços de poder (envolvendo também egressos/as) em processos sempre coletivos, jamais impositivos.

Para os momentos após o período de internação, o **Projeto Onda** já organizou encontro de meninas egressas e moradoras das periferias do DF encontro de cuidado e autocuidado para elaborar trajetórias.

*“Por mais tempo que passe, o relógio da vida sempre te lembra que em algum momento parece que ele parou de rodar, ficou inerte ou girou rápido demais no ritmo do nosso desespero de sair e viver o tempo que ele nos oferece.” Iasmim Baima*

*“Num Brasil que milhares de famílias ainda passam fome, as crianças são as que mais sofrem e, infelizmente, acumulam situações de trabalho infantil e até exploração sexual. Este mesmo Brasil que violenta a infância, discrimina pela raça, pelo sotaque ou orientação sexual, deveria também ser sentenciado como eu fui.”*

Adolescente da Unidade de Internação de São Sebastião





Foto: Roque de Sá/Agência Senado

e Unesco, com apoio do Ministério da Educação.”

Segundo o Prof. Gurgulino, sabe-se que temos desafios enormes à frente, para adequar nossos sistemas de educação para enfrentar os grandes problemas que já são enumerados e conhecidos. “Sabemos que a educação que será oferecida daqui 30 anos será muito diferente daquela que é oferecida hoje, envolvendo: a formação de estudantes mais jovens (iniciante os processos

O presidente da Academia Mundial de Artes e Ciências - WAAS, Prof. **Heitor Gurgulino de Souza**, iniciou informando que a Academia Mundial, há 6 anos, em Berkeley (Califórnia - EUA), “discutimos com especialistas do Vale do Silício, da Universidade da Califórnia e de outras instituições norte-americanas sobre o futuro da educação. Derivado desse debate, resolvemos realizar a 1ª Conferência Internacional sobre o Futuro da Educação. No ano passado fizemos a 2ª Conferência, em Roma, em novembro, com 210 participantes de vários países.”

Depois disso, “fizemos uma nova reunião do Conselho da Academia e decidimos continuar as Conferências Internacionais sobre o Futuro da Educação. O Conselho concordou com minha oferta de realizarmos a 3ª Conferência no Brasil. Que será realizada em novembro, no Rio de Janeiro em cooperação com a Fundação Cesgranrio

de aprendizado antes dos 4 anos de idade, pois assim poderão ser muito melhor sucedidos em sua vida acadêmica no futuro); aprendizagem centrada na pessoa; formação de professores; a educação transdisciplinar; educação a distância, educação para o emprego. Temas que serão os eixos principais da 3ª Conferência Internacional, que se somarão aos temas: o que será a educação do futuro; educação e empreendedorismo (no Brasil estamos muito atrasados no campo do empreendedorismo); avaliação para a melhoria da qualidade da educação. Outro tema importante que será tratado na Conferência será a formação de professores. Um dos temas difíceis que deveremos tratar é da educação interdisciplinar”.

A Academia Mundial tem observado que no mundo nos próximos anos teremos que acomodar no ensino superior 90 milhões de estudantes, com novas abordagens e tecnologias, como a EAD.

**3ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE O FUTURO DA EDUCAÇÃO: PERSPECTIVAS LATINO-AMERICANAS**  
**CONTEXTO E DESAFIO**

**THIRD INTERNATIONAL CONFERENCE ON FUTURE EDUCATION**  
**"LATIN AMERICAN PERSPECTIVES"**

Effective Learning in an Age of Increasing Speed, Complexity and Uncertainty

This Conference is supported by the Ministry of Education of Brazil

November 12-14, 2018 - RIO DE JANEIRO - BRAZIL

Logos: WAAS, WUC, Fundação Cesgranrio, Ministério da Educação BRASIL

**BACKGROUND**  
 Building on a breakthrough conference at the University of California, Berkeley, in 2013 and at a Conference at the University of Roma TRE, in Rome, Italy, in November 2017, the World Academy of Art and Science (WAAS) and the World University Consortium (WUC), are now joining hands with the Ministry of Education of Brazil, UNESCO and Fundação and Faculdade CESGRANRIO to conduct a "Third International Conference on Future Education -Latin American Perspectives" to identify practical measures to meet the needs and aspirations of major stakeholders - youth, students, teachers, employers, workers, research institutions, universities, governments and civil society, in this region of the world.

**THE CHALLENGE**  
 Society is changing faster than ever before, generating unprecedented opportunities and challenges in its wake. Anticipating and addressing the consequences of the Fourth Industrial Revolution, environmental pressures, rising levels of youth unemployment and inequality, globalization and virtualization of business models, the explosive growth of online communications and education, the globalization of education, increasing intercultural contacts and migration will place enormous pressure on educational institutions, students, teachers and researchers.



Foto: Roque de Sá/Agência Senado

O senador Cristovam Buarque parabenizou a exposição do Prof. José Pacheco e informou que gostaria muito de poder acompanhar mais de perto da experiência que está sendo desenvolvida no Paranoá.



Foto: Roque de Sá/Agência Senado

Mauro Mendes, servidor da Universidade de Brasília e integrante do Comitê em Defesa da UnB, defendeu a escola pública e a valorização dos profissionais de educação. Lembrou também as dificuldades que as universidades brasileiras estão passando com os cortes de recursos.



Foto: Roque de Sá/Agência Senado

O estudante da UnB, João Marcelo Marques Cunha, destacou a importância de se dar visibilidade às experiências educativas inovadoras, como o foi a UnB em seus inícios. Também tratou do processo de estrangulamento orçamentário por que passa a Universidade de Brasília nos últimos anos.



Foto: Roque de Sá/Agência Senado

Luiza Midlej, estudante do Centro de Ensino Médio da Asa Norte (CEAN), contou que começou estudando em uma escola particular onde concluiu o Ensino Fundamental, mas naquele espaço ela sentia que não estava sabendo o que é a realidade, começou a perceber que vivia em uma bolha onde só viviam pessoas como ela, que tinham as mesmas oportunidades, um espaço homogêneo e pasteurizado. Só que ela queria mais, foi quando ela própria tomou a decisão de ir para a escola pública. Hoje ela está terminando o ensino médio na escola que escolheu. “Foi mágico pra mim, porque comecei a conviver com pessoas diferentes. Lá não me tornei só mais inteligente, me tornei mais humana” declarou Luiza, que ao 14 anos publicou seu primeiro livro: **Circuncisfláutica**, que pode ser encontrado em <https://bit.ly/2Ixx8NO>

Para Luiza, a educação pública merece muito mais atenção que ela tem. “Nós somos o futuro, se não formos tratados como a gente merece, como faremos a diferença?” “Minha escola mudou minha vida, e foi a melhor decisão que tomei”, concluiu.



O Prof. **João Nogueira da Silva**, da rede pública do DF, na Escola do Parque de Brasília - PROEM que também lecionou no sistema socioeducativo, lembrou que foi estudante em escola pública na periferia e se formou na Universidade de Brasília, hoje trabalha com jovens da periferia que mal sonham em ultrapassar os 24 anos de idade.

# Quem será o interventor da educação?

Isaac Roitman\*

A intervenção no Rio de Janeiro justificada para restaurar a segurança pública é a bola da vez. A segurança pública implica que os cidadãos possam conviver em paz e harmonia, onde cada um respeita os direitos individuais do outro. O Estado deve garantir a segurança pública. Nesse contexto é importante refletir sobre as causas da criminalidade. Segundo os especialistas a criminalidade é multicausal envolvendo a educação, a desigualdade social, o desemprego, política de drogas, entre outras. Penso ser importante considerar a educação como a principal vacina contra a criminalidade.

A educação tem o poder de moldar as atitudes. Ela é um processo contínuo de desenvolvimento de habilidades físicas, intelectuais e morais do ser humano, a fim de melhor se integrar na sociedade. No sentido mais amplo, educar é socializar, é transmitir os hábitos que capacitam o indivíduo ter um convívio social civilizado. A Constituição Federal em seu artigo 205 estabelece: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Uma pergunta emerge: o Estado brasileiro cumpre esse preceito constitucional? A resposta é não.

A educação brasileira, notadamente o ensino básico (primeira infância, infantil, fundamental e médio) é deficiente produzindo um número grande de analfabetos totais e funcionais. Além disso a promoção de virtudes é incipiente. As ferramentas pedagógicas utilizadas estão superadas. É preciso considerar que o conhecimento hoje é acessível e as informações mais rápidas. Os estudantes estão cada vez mais autônomos e conectados e as novas tecnologias e as mídias sócias estão revolucionando a forma de ensinar e aprender. Uma escola contemporânea deve ser atrativa onde os estudantes estejam engajados

e motivados com professores bem formados, dedicados e valorizados. As novas tecnologias, particularmente os dispositivos móveis e a internet devem ser coadjuvantes do ensino-aprendizagem.

A escola e o ambiente familiar devem ser um cenário permanente onde o pensamento é exercitado e onde os valores e virtudes são consolidados. Ela deve estimular os estudantes para alçarem voos e conquistar seus sonhos. Nesse contexto é pertinente lembrar o pensamento de nosso saudoso Rubem Alves:

“Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.”

Há 36 anos em 1982 Darcy Ribeiro assim se expressou: “Se os governantes não construírem escolas, em 20 anos faltará dinheiro para construir presídios”. Esse alerta não foi escutado. É hora de combatermos a criminalidade pela raiz. É hora de fazermos uma intervenção na educação brasileira. Essa intervenção deve ser coletiva e dela deverão participar toda a sociedade e particularmente todos os Professores, todos os estudantes e todas as famílias. É pertinente lembrar o pensamento de Immanuel Kant: “É no problema da educação que assenta o grande segredo do aperfeiçoamento da humanidade”

\* artigo publicado em <http://blogdapoliticabrasileira.com.br/quem-sera-o-interventor-da-educacao/>



2022  
O BRASIL QUE  
QUEREMOS



Comissão  
Senado do Futuro



Universidade de  
Brasília



União  
Planetária